

26-2-1960

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### DRAMAS

**S**E EU FÓSSE o Sr. Raul De Vincenzi não teria coragem. Havia pelo menos 2.500 senhoras de vestido novo ou ajustado, unhas feitas, bem pintadinhas e penteadas às 8h 30m da noite, quando ele mandou dizer que, devido à chuva, não haveria recepção no Itamarati. Considerando só o penteado e calculando seu custo médio em 500 cruzeiros, temos aí um prejuízo de 1 milhão e 250 mil cruzeiros. E estamos ainda na testa. Se descermos ao longo dessas 2.500 senhoras o prejuízo é catastrófico. Eu, francamente, diria às senhoras e cavalheiros: "Se quiserem, venham de chapéu de chuva e galocha".

Mas o prejuízo financeiro não é nada diante do prejuízo, digamos assim, sentimental. Uma senhora vestida para sair, que recebe a notícia de que a festa "pifou", é algo de lamentável ou de temível. Note-se que em muitos casos o convite não foi fácil de obter: foi "cavado"; vencida essa primeira fase, houve a batalha para conseguir prioridade com a costureira e o cabeleireiro. E na hora, nada! Acredito, pelo movimento da noite, que cerca de 500 cavalheiros tiveram a idéia de consolar suas convidadas levando-as a um bar ou boate; outros, que estavam prontos a oferecer comida, bebida e "show" de graça, recuaram diante da perspectiva da despesa. Tiraram o "smoking" e meteram o pijama, propondo um biriba familiar ou um bom espetáculo de televisão. Não sei se algum foi assassinado.

E eu, que estava triste por não ter sido convidado! Duas ou três damas conhecidas me telefonaram nos dias anteriores à festa perguntando se eu não queria levá-las ao Itamarati. Respondi-lhes que, de acordo com uma brilhante tradição da Casa de Rio Branco, meu nome não tinha sido incluído na lista de convidados: acho que lá eles não apreciam muito a elegância de Cachoeiro de Itapemirim.

De tudo concluiremos com um conselho aos arquitetos de Brasília que forem encarregados de projetar o novo Ministério das Relações Exteriores: tratem de providenciar um recinto fechado pelo menos do tamanho do Maracanãzinho. Somos um país chuvoso e não podemos deixar que se estrague a comida do Zé Fernandes e a alegria das damas, por motivos meteorológicos. Estou fechando esta crônica, e um amigo me telefona para contar a reação furiosa de sua pequena: "Pelo menos você promete que me leva ao Baile do Municipal!" Meu amigo queria saber se sou amigo do Pádua, que é quem dá entradas de carona. Disse-lhe que não, mas garanti-lhe que o Pádua não gosta que se diga isso, mas está distribuindo convites às pamparras, e qualquer vereador pode arranjar. Que sua pequena vá cuidando, desde logo, de reservar hora no cabeleireiro na segunda-feira...

FORMAÇÃO DA CRÔNICA